

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
I SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MÍDIA ALTERNATIVA NA DITADURA MILITAR

Nome: Lúcia Grazielle Pereira
e-mail: lucia.grazielle@gmail.com

SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2009

ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

MÍDIA ALTERNATIVA NA DITADURA MILITAR

Nome: Lúcia Grazielle Pereira

e-mail: lucia.grazielle@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa foi formulada sobre dados históricos do período da Ditadura Militar brasileira desde o Golpe de estado em 1964 à abertura política em 1985. Tem por objetivo entender o que é a tal “Mídia Alternativa”, seu contexto histórico, suas características e se revolucionou em algum aspecto os meios de Comunicações.

Palavras-chave

Ditadura Militar, Grande Mídia, Mídias Alternativas, Democratização, Meios de Comunicações

“Quem controla o presente, controla o passado. Quem controla o passado, controla o futuro”
(ORWELL, GEORGE. 1984)

SÃO PAULO, 24 DE NOVEMBRO DE 2009

Mídia alternativa na Ditadura Militar

Segundo várias fontes de informações, o que define uma mídia como sendo alternativa ou não é seu caráter ideológico. Se há o incômodo ante um sistema econômico, social ou cultural, e haja uma mídia que rebata e vá contra estes, é considerada como alternativa. Sendo assim, a Mídia Alternativa depende do momento histórico a qual passou a existir. Há também a concepção que até meados da metade do século XX era empregado. Este definia qualquer veículo de comunicação que fugia do padrão tradicional (periódicos, rádio, televisão) e buscava transmitir informações com novas formas visuais e escritas.

A mídia engloba em si todos os sistemas de comunicação que tem por finalidade a transmissão de informações. Ela pode ser televisiva, radiofônica e escrita (neste são englobados cartazes, filmes, novelas, outdoors, fanzines, cordéis, panfletos, etc.). Há duas vertentes que definem a mídia: Grande Mídia e Mídia Alternativa. Cada uma é voltada para um público alvo e há conteúdos e intenções diferenciadas. A Grande Mídia é majoritária pois consegue atingir a grande massa da população. É encabeçada e mantida pela classe dominante da sociedade. Neste, há grandiosos investimentos que tem por intuito a manutenção da ordem e do poder desta classe. Já a Mídia Alternativa busca, como já diz o nome, uma alternativa para estes meios de comunicação.

A História da Mídia no Brasil

A Mídia Impressa no Brasil passou a existir através do periódico “A Gazeta” em Setembro de 1808 no Rio de Janeiro. Este era o jornal oficial da corte e a publicação fora de seu círculo era proibida. Após este, surgiu no mesmo ano o “Correio Brasiliense” que era um jornal editado em Londres e era muito crítico ao então governo lusitano. Com a queda da coroa e o advento do Império, passaram a existir jornais que não eram direcionados apenas para a classe dominante brasileira (vide o grande número de analfabetos e escravos libertos que, muitos mal sabiam a língua portuguesa. O restante eram abastados de pobreza). Periódicos como “O Jornal do Brasil”, “Jornal do Comércio” e “Correio da Manhã” passaram a alimentar a classe burguesa de informações sobre o Brasil e o mundo. Dentre as décadas de 1920 a 1950, a modernização dos jornais já existentes e a criação dos jornais “O Globo”, “Diário Carioca”, dentre alguns outros de pouco renome, possibilitaram a concorrência e a quebra do monopólio das informações dos principais Periódicos da época. Todos estes fizeram e fazem parte da história da Grande Mídia.

Analisando somente o histórico da mídia impressa no Brasil fica explícito que, desde os primórdios da imprensa nacional, não era a intenção da classe dominante informar a sociedade através de transmissões e circulações de notícias entre a população socialmente excluída.

O rádio surgiu oficialmente no Brasil em Setembro de 1922, e sua inauguração foi marcada pelo discurso do então Presidente do Brasil, Epitácio Pessoa. Sua programação era dirigida para a elite, pois a impossibilidade da população obter um aparelho radiofônico era quase total e sua programação era voltada para recitais de poesias, música clássica, concertos e todos os demais gostos que enchia de prestígio e charme a burguesia. Com esta programação, elementos da cultura européia se difundiram em solo tupiniquim, ao mesmo tempo em que os elementos da cultura nacional eram excluídos das programações. Isto perdurou até 1935 quando é inaugurada a Rádio Kosmos, o primeiro programa de auditório que permitia a participação do público e inseria em sua programação músicas populares. A Rádio Jornal do Brasil também foi inaugurada no mesmo ano sendo a rádio oficial do governo de Getúlio Vargas. Transmitia em primeira mão “A voz do Brasil”.

A inserção da mídia televisiva no Brasil se deu na década de 50. Este meio atinge ao mesmo tempo milhões de pessoas e, embora seja o mais popular e utilizado meio de comunicação, é ao mesmo tempo um dos que menos transmite informações verdadeiras, conforme descrito por Habermas em sua “Teoria da Ação Comunicativa”. Habermas dizia que para se obter uma comunicação verdadeira tem de haver inteligibilidade, verdade, sinceridade, ou seja, para a plenitude da comunicação é necessário que as informações sejam transpassadas de maneira simples, sem o elogio constante de expressões técnicas e de línguas estrangeiras para que as pessoas dos mais diversos níveis sócio-culturais possam receber e compreender o que se quer transmitir e que também sejam capazes de discutir e pensar sobre os mais variados assuntos. Com a “Teoria da Ação Comunicativa”, Habermas buscava encontrar uma maneira de libertação e democratização das comunicações e, que através dela, o ser humano pudesse chegar à sua emancipação, pensando, argumentando e tendo acesso à sua realidade, à sua vida, indo além do senso comum que, encontra-se na esfera do pensamento massificado.

A televisão é o meio que mais representa o discurso do senso comum, pois não possibilita um debate aberto a discussões mais aprofundadas sobre uma dada realidade, mas sim um debate linear, típico da massificação das opiniões, do pensamento. Na TV há uma gama de programas que servem para distrair e desocupar a mente das pessoas. Neles estão introjetados discursos através de imagens, sons, que tem por finalidade a manutenção da classe dominante da sociedade, afinal, são eles os donos dos meios de comunicação.

A TV no Brasil surgiu nos anos 50 com Assis Chateaubriand. Com ele, surge a TV Tupi. Em 1963 as transmissões televisivas passaram a ser em cores. Em 1965 surge a TV Globo que, poucos anos, após sua inauguração, é referência nacional em tecnologia. Este salto foi “conquistado” através de financiamentos maciços do governo à qual surgiu. A emissora era a porta voz direta da Ditadura Militar brasileira e junto com a classe média e dominante nacional passaram a proteger e defender aqueles que fizeram de 64 à 85 os “Anos de Chumbo” brasileiros.

Contexto Histórico para o surgimento da Mídia Alternativa

"O Presidente da República sente-se bem na ilegalidade. Está nela e ontem nos disse que vai continuar nela, em atitude de desafio à ordem constitucional, aos regulamentos militares e ao Código Penal Militar. Éle se considera acima da lei. Mas não está. Quanto mais se afunda na ilegalidade, menos forte fica a sua autoridade. Não há autoridade fora da lei. E, os apelos feitos ontem à coesão e à unidade dos sargentos e subordinados em favor daquele que, no dizer do próprio, sempre esteve ao lado dos sargentos, demonstra que a autoridade presidencial busca o amparo físico para suprir a carência de amparo legal. Pois não pode mais ter amparo legal quem no exercício da Presidência da República, violando o Código Penal Militar, comparece a uma reunião de sargentos para pronunciar discurso altamente demagógico e de incitamento à divisão das Forças Armadas. (...)" (JORNAL DO BRASIL, 31/03/1964). Disponível em:< <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj47.htm>> 21 Nov.

O Jornal do Brasil foi um dos grandes porta-vozes da direita reacionária e burguesa brasileira. Foi também responsável pela queda de Jango. Assim como o Jornal do Brasil, Patativa do Assaré discursava, mas em prol de seu povo com o poema: *A terra dos posseiros de Deus* (ASSARÉ, PATATIVA, 1978):

“Esta terra é desmedida
e devia ser comum,
Devia ser repartida
um toco pra cada um,
mode morar sossegado.
Eu já tenho imaginado
Que a baixa, o sertão e a serra,
Devia sê coisa nossa;
Quem não trabalha na roça,
Que diabo é que quer com a terra?”

O Golpe Militar de 31 de Março de 1964 denominado pela grande mídia como "A Volta da Democracia" e o "Fim da Subversão" a todos os filhos da Pátria chegou a durar 21 anos no Brasil. Isto devido o apoio da classe abastada, da Grande Mídia nacional e do financiamento direto dos EUA para a manutenção da ordem no país¹. Este momento histórico foi o que mais aflorou articulações de movimentos sociais, da esquerda e, de grupos que almejavam a volta da democracia e desejavam tornar realidade o sonho de um mundo possível, um mundo mais humano.



Este período é também conhecido como os "Anos de Chumbo" e foi aclamado pelas famílias burguesas que tinham como gritos e discursos de ordem palavras que ressoavam pelo país afora com a "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", o qual as donas de casa batiam panelas em prol da democracia, esta democracia que era na real, a ditadura repressora que suprimiu quaisquer tentativas de oposição ao Governo.

A crise política que antecedeu o Golpe de Estado de 64 foi conseqüência das iniciativas do presidente João Goulart ao abrir espaço para organizações populares, de trabalhadores, estudantes e por tentar implementar suas reformas de base que abrangiam desde os

¹ Os EUA financiaram a queda de vários governos no Cone Sul do continente Americano, como por exemplo, o brasileiro de João Goulart, o de Salvador Allende no Chile, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, ajudando a instaurar ditaduras brutais nestes países.

² Imagem extraída do sítio: http://agente65.blogspot.com/2009_04_01_archive.html

setores políticos, passando pelos educacionais, agrários e fiscais. Estas iniciativas enfureceram as falidas oligarquias e também grandes latifundiários que muitos eram ligados aos partidos políticos UDN (União Democrática Nacional) e PSD (Partido Social Democrático). Passeatas foram organizadas em São Paulo por representantes da TFP³ e por todos que julgavam perigosas as Reformas de Base de João Goulart. Em 31 de Março de 1964 os militares foram às ruas e, com o intuito de evitar uma Guerra Civil, Jango se exila no Uruguai. Após o golpe, milhares de pessoas foram protestar nas ruas e a repressão desordenada por parte da milícia do Governo torturou e prendeu milhares de pessoas.

O Governo Militar foi liderado primeiramente por Castello Branco (1964–1967), passando por Costa e Silva (1967-1969) que devido ter sofrido um AVC em meados de 69, foi substituído por uma Junta Militar que “enfim” elegeu o general Médici (1969-1974). Geisel assumiu em 1974 ficando até 1979, sendo substituído pelo último general no poder, Figueiredo (1979-1985). Durante o Regime Militar houve a promulgação da Constituição de 1967 que validou e legalizou a atuação do Regime Militar. As garantias de habeas-corpus foram eliminadas, juízes foram aposentados, mandatos foram cassados e a criação de inúmeros Atos Institucionais atemorizou a população. O Estado passou a ser o Soberano e detentor total do poder e do monopólio de violência, no sentido Weberiano.

O Ato Institucional nº5 foi uma emenda na Constituição de 1967. Tinha como discurso a segurança do país contra os ditos subversivos. M alguns de seus artigos dizia:

“Art 4º - No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais.

Art 10 - Fica suspensa a garantia de habeas corpus , nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular”.

Disponível em: <http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_6.htm> 23 Nov.

Este ato foi assinado por Costa e Silva em 1968 e posto em pratica por Geisel à partir da tomada de seu poder em 1969.

O AI5 trouxe consigo medidas de segurança nacional, como a “liberdade vigiada”. Este decreto instaurou a Censura Prévia no país. O direito à censura fez com que o Governo cassasse em qualquer canto os subversivos. Estes poderiam (e eram) presos e mantidos

³ TFP – Tradição Família e Propriedade. Fundada em 1960 por Plínio de Oliveira Corrêa. É ligada à classe conservadora da igreja Católica e apoiou diretamente o Golpe de 64.

sob tutela do Governo até o momento que ele julgasse suficiente para investigações e ações contra tais “subversões”. A censura fechou muitos jornais, rádios e a caça às bruxas, ou melhor, aos subversivos foi instaurada. A censura além de fechar muitas bocas amordaçou muitos pensamentos, muitas inspirações. As obras de arte no geral e os escritos deveriam passar pelos censores e, dependendo do entendimento destes, o indivíduo poderia ser tomado como subversivo ou não.

Foucault já dizia que *“O poder não se dá, não se troca, nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação de que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de forças”*. (FOUCAULT, 1979:175).

A Mídia Alternativa

“Num paradoxo do progresso tecnológico, a cada dia estamos mais informados e mais manipulados” (GALEANO, 2008:37)

A década de 60 foi marcada pelas novidades que agitavam e faziam o mundo vibrar. O feminismo estava tomando espaço cada vez maior em algumas partes do mundo. O rock’n’roll junto à contracultura se dissipavam mundo afora como um movimento cultural anti-conservador em busca de novos valores, de um novo modo de vida. O mundo expirava necessidades de mudanças, de novos ares...

A Mídia Alternativa foi importantíssima nos Anos de Chumbo pois buscava a democratização das informações, dos meios de comunicações e incessantemente discursava e apelava pelo fim da censura imposta pelo Governo Militar que, através de inúmeros atos institucionais, suprimira quaisquer manifestações, ideais divergentes da classe dominante e vários gritos, através de torturas e vaporizações de inúmeras pessoas. Esta vertente da mídia esteve fortemente presente nos debates para a reabertura política, para a volta da democracia, para o fim da perseguição e repressão. Era um importante meio que denunciava os horrores e as mazelas de um governo Golpista. Tentava também expor ideais revolucionários, contra-burgueses e proliferar ideologias da esquerda daquela época.

Historicamente, a Mídia Alternativa surgiu como uma alternativa para os meios de comunicações que eram dominados pela classe burguesa – a Grande Mídia - e que constantemente introjetavam seus discursos em meio às informações proliferadas. A Grande Mídia por ser majoritária, tinha por objetivo controlar toda a massa da sociedade,

buscando uma forma perfeita de homogeneização para o pensamento e buscando manter o discurso e os saberes em prol da manutenção da ordem vigente, do capitalismo.

A Mídia Alternativa se dissipou a priori ideologicamente, através dos movimentos e articulações de grupos da esquerda política e cultural. Na esfera política, buscava-se uma alternativa para rebater a classe tradicional e dominante e, através de novas formas e estéticas dissipavam idéias de cunho libertário voltados para o social. As estéticas e formatos variados surgiram como consequência dos debates ideológicos da esquerda e de uma necessidade de contrapor além das idéias, as formas do tradicionalismo eurocentrista e burguês que as mídias dominavam. A transfiguração de ideologias através dos Fanzines, Cordéis, Grafites e obras de arte no geral que fugiam da estética tradicionalista formaram as novas formas de comunicação abordadas pela Mídia Independente. Se dissipou fortemente através das lutas políticas, pela liberdade e pela democratização dos meios de comunicação.

Os Periódicos

Dos periódicos que faziam a frente de oposição ao Sistema da época foi “O Pasquim” seu maior representante. Este surgiu no final dos anos 60 até a metade dos anos 80. Em seu auge vendeu até 200 mil exemplares. A abrangência deste periódico junto a outros publicados durante a ditadura, como o “Opinião” (1972), “Movimento” (1975) e o “Em Tempo” (1977), formaria a linha de frente ideológica dos grupos de esquerda nas grandes cidades, expondo a face não explícita do governo militar.

As Rádios Livres

As Rádios Livres foram importantíssimos meios de dissipação de informações e de democratização dos meios de comunicação. Este é o meio que mais se aproxima do denominado por Habermas como “Teoria da Ação Comunicativa”. Com elas, foi criado um novo paradigma, pois, o discurso era transpassado para todos os lados, não sendo unidirecional rebatendo assim a lógica emissor / receptor empregada pela Grande Mídia no geral. As alternativas para os meios de comunicação sempre tiveram como finalidade de existência a comunicação verdadeira através de uma nova linguagem de produção cultural transformando assim os canais de Comunicação.

Rádios como a “Paranóia” no Espírito Santo e a Spectro no interior de São Paulo foram as primeiras a propagarem no ar brasileiro suas ondas. Elas surgiram na mesma década, ambas filhas da era da censura no país. Ao existirem, desafiaram o monopólio das

comunicacoes mas, como a censura era válida em todos os meios de proliferaçao de idéias, as rádios foram fechadas e órgãos foram criados, como o CONTEL (Conselho nacional de Comunicacoes) que era responsável pela fiscalizacão, concessões de canais de rádio, dentre outros e, tinha o poder legal de deter quaisquer indivíduo que infringisse as leis. Em 1967 a CONTEL foi excluída e em seu lugar surgiu a DENTEL (Departamento Nacional de Telecomunicacoes).

Os “Anos de Chumbo” que a sociedade brasileira e o mundo puderam observar foi um momento histórico muito difícil que reprimiu e extinguiu muitas vidas. A Mídia Alternativa tentou transmitir ao mundo informações sobre os problemas ocorridos no Brasil desde o Golpe de 31 de Março. Este foi um meio importantíssimo que foi reprimido, sofreu censuras e perdeu muitas pessoas que foram silenciadas para apenas uma finalidade: a manutenção de uma ordem e de uma classe.

Referências Bibliográficas:

ASSARÉ, Patativa. *Cante lá que eu canto cá*. São Paulo, Vozes, 1978.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo, EDUSP, 2009.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. São Paulo, Editora Graal, 1979.

GALEANO, E. *O teatro do bem e do mal*. São Paulo, Editora L&PM, 2008.

HABERMAS, J., BENJAMIM, W., HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. *Os Pesadores*. São Paulo, Editora Abril Cultural, 1983.

KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo, Editora Página Aberta, 1991.

ORWELL, G. *1984*. São Paulo, Editora Nacional, 2003.

PEREIRA, C. A. M. *O que é Contracultura*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1992.

RIDENTI, M. *Em busca do povo brasileiro. Artistas da revolução, do CPV à era da tv*. São Paulo, Editora Record, 2000.

SMITH, A. *Um acordo forçado. O consentimento da imprensa à Censura no Brasil*. São Paulo, Editora FGV, 2000.

TUCCI, M. L. *Minorias Silenciadas. A história da Censura no Brasil*. São Paulo, EDUSP/FAPESP/Imprensa Oficial, 2002.

A15: http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_6.htm. Acessado em: 23 Nov/09.

Revolução de 64: <http://www1.uol.com.br/rionosjornais/rj47.htm>. Acessado em 21 Nov/09.